

## **Delírio e Devaneio Como Forma Literária Em *Essa Gente*. Sujeito e Sociedade Cindidos em Suas Formas de Representação**

João Chaui Junior<sup>144</sup>

**Resumo:** O delírio e o devaneio já foram apontados pela fortuna crítica de Chico Buarque como uma das características de sua prosa. Nosso objetivo será investigar o alcance dessa ferramenta literária em *Essa Gente*, seu último romance, a partir das observações de Alexandre Pilati, que destacou o onirismo desperto como um dos procedimentos utilizados pelo autor, caracterizado por uma combinação de delírio e estado de vigília que emerge, por exemplo, como uma expressão do monólogo interior. Tais procedimentos podem ser enquadrados como tributários de uma dicção do romance moderno, ao mesmo tempo em que assumem papel e potência peculiares na relação entre literatura e sociedade em interface com a História recente do país. A distribuição de capítulos em datas nos sugere uma espécie de diário do escritor Manuel Duarte, que vai de 13 de dezembro de 2016 até 29 de setembro de 2019. Os fatos “reais” e os fatos “ficcionais” entrelaçam-se em um movimento espiral cujo eixo é a narrativa desnorteante e repetitiva de Duarte, que, assim como ele, devaneia entre uma coisa e outra, procurando por uma forma. O livro assume então a característica de obra de encaixe, de livro dentro do livro, acentuando mais ainda o seu caráter vertiginoso. Nesse movimento, emergem temas como a violência, questões raciais, a mercantilização do autor e da obra de arte, isto é, a barbárie cultural, que se coaduna com a social. A conjugação entre o documental e a ficção produz um *hic et nunc* histórico em *Essa Gente*, onde a própria função da arte e do autor está ameaçada e colocada em xeque. A crise é também uma crise da capacidade de figuração, de apreensão da realidade por parte de um autor/narrador que refuta e ao mesmo tempo compartilha tanto os valores da classe dominante que flerta com o fascismo, quanto as novas configurações sociais, que transformaram o idílico Orfeu da Conceição em um miliciano.

**Palavras-chave:** delírio; devaneio; forma; literatura; sociedade.

---

<sup>144</sup>Bacharel e licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo - São Paulo - Brasil – 2019. Mestrando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Email: joao.chauj@usp.br.

O delírio e o devaneio já foram apontados pela fortuna crítica como uma das características da prosa de Chico Buarque. Nosso objetivo será apontar essa ferramenta literária em *Essa Gente*, seu último romance, além de enquadrá-las como tributárias de uma tradição do romance moderno, ao mesmo tempo que assumem papel e potência peculiares na relação entre literatura e sociedade no Brasil atual.

Em *Estorvo*, o primeiro romance, já se destaca o delírio como procedimento formal: “Alucinações e realidade recebem tratamento literário igual e têm o mesmo grau de evidência, embora a força motivadora das primeiras seja maior, donde o clima onírico e fatalizado”, apontou Schwarz na época do lançamento do livro. Quanto ao segundo romance, *Benjamim*, José Paulo Paes destacou: “poder-se-ia alegar o clima semialucinatório que pervaga a narração e que apontaria para traços psicóticos dos próprios personagens, justificando-lhes assim o comportamento errático.” No terceiro livro, *Budapeste*, Maria Augusta Fonseca destacou que a narrativa leva o leitor “a pensar em um embuste, em sonho, alucinação, na esfera de um insólito surreal.” Quanto a *Leite Derramado*, detenho-me aqui no ensaio de Leonardo Octavio Belinelli de Brito denominado “O Brasil contemporâneo em dois romances de Chico Buarque”

Noutros termos, os narradores em primeira pessoa de Chico costumam confundir o leitor ao ultrapassarem, sem aviso prévio, as fronteiras entre realidade e delírio, sem por isso deixarem de se referir à matéria brasileira e aos seus impasses históricos. Sem embargo, os delírios aqui têm um papel fundamental: podem acabar por figurar traços básicos do acúmulo de experiências sócio-históricas. (BRITO, 2016, p. 111)

Na esteira do lançamento de *Essa Gente*, no fim de 2019, Arthur Nestrovski inicia sua resenha sublinhando uma das cenas do livro “que não se sabe bem se são sonho ou realidade”. Coube a Alexandre Pilati, em sua leitura de *Essa Gente*, elencar alguns temas e procedimentos literários recorrentes na obra de Chico, 28 anos após a publicação de *Estorvo*, apontando o onirismo desperto como uma das ferramentas literárias utilizadas pelo autor, caracterizada por uma combinação de delírio e estado de vigília que emerge como uma expressão do monólogo interior.

Não se trata de um fenômeno estético novo. Já se fundaram como tradição no romance moderno os procedimentos literários em que se dá forma narrativa à cisão entre o eu e o mundo, quando a onisciência do narrador realista fecha o foco e se adere ao fluxo de (in)consciência da personagem.

Tais procedimentos são tributários de escritores que “encontram um processo mediante o qual a realidade é dissolvida em múltiplos e multívocos reflexos da consciência (2013, p. 496). Auerbach cita ainda a impossibilidade de uma ordenação da realidade à maneira como era feita no século XIX, ideia também compartilhada por Adorno: “Se o romance quiser permanecer fiel à sua herança realista e dizer como as coisas realmente são, então ele precisa renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, apenas a auxilia na produção do engodo” (2012, p. 57).

Essa crise de representatividade é um dos motivos em *Essa Gente*. A distribuição de capítulos em datas nos sugere uma espécie de diário do escritor Manuel Duarte, que vai de 13 de dezembro de 2016 até 29 de setembro de 2019, contudo, uma impostura de gênero se impõe à leitura, que assume o aspecto de colagem, de obra em construção, pois mistura-se o ponto de vista de vários personagens, que são expostos por meio de cartas, telefonemas, ora na primeira pessoa, ora na terceira. Também aparecem notas de jornal, notificações extrajudiciais. Estamos diante de algo inacabado, que vai se repetindo e se acrescentando, tomando corpo como em um diário de notas de escritor, acrescido de fatos de seu cotidiano, de sua história, da história recente do país, que reproduz formalmente um estado de entorpecimento, de delírio e devaneio frente ao horror e à barbárie.

O narrador é um escritor que está tentando produzir um novo romance e encontra-se em dificuldades financeiras, ao pedir um novo adiantamento ao editor. Poucas páginas adiante, lemos: “Chego em casa, escrevo estas poucas linhas, abro um vinho...” um dêitico que vai se repetir de maneira gradual, assumindo crescentemente a obra um caráter de *mise en abyme*, sendo um dos efeitos dessa obra em construção o embotamento entre ficção e realidade. Os fatos “reais” e os fatos “ficcionais” entrelaçam-se em um movimento espiral cujo eixo é a narrativa desnorteante e repetitiva de Duarte, que, assim como ele, devaneia entre uma coisa e outra, procurando por uma forma. Nesse movimento, emergem temas como a violência, questões raciais, a mercantilização do autor e da obra de arte, isto é, a barbárie cultural, que se coaduna com a social.

Para destacar um e outro caso dessa presença documental no livro, o decreto presidencial sobre a posse de armas que Duarte, o escritor/narrador do romance toma conhecimento pela televisão no dia/capítulo 15 de janeiro de 2019, exatamente o dia em que o decreto 9685 foi assinado pelo presidente. Um cão “começa a mastigar notícias: soldados disparam oitenta tiros contra um carro de família e matam músico negro” (p. 89) Trata-se da morte de Evaldo Rosa dos Santos, 47, baleado por militares no bairro de Guadalupe, zona oeste do Rio de Janeiro, em abril de 2019. Segundo Alexandre Pilati, o

livro engendra uma armação complexa e sutil da costura de fios que vai, a partir da literatura como centro, colocando problemas centrais da realidade brasileira, como por exemplo a cisão entre classes e raças.

As marcas da fratura social presentes em *Essa Gente* refletem a do indivíduo Duarte, e vice-versa. A cisão entre o eu e o mundo alcança uma totalidade, não assumindo preponderantemente tonalidades subjetivas restritas a Duarte, ao contrário, a cisão compreende ela mesma uma espécie de norma social, desaparecendo qualquer elemento que caracterize o mínimo contrato social. No plano pessoal, a relação de Duarte com ex-esposas, filho, amigos, editores é de confronto cordato, de favor, de interesse pecuniário, ou de impossibilidade de comunicação. A partir desse elemento mais doméstico e particular, a desagregação das relações sociais vai se multiplicando e se intensificando, em uma espiral de violência. Nas palavras de Pilati, esse movimento “traz para a vida da personagem o abominável da ideologia da classe dominante e o diferencia disso”, “refuta e compartilha dos valores dessa sociedade”, “flutua entre a adesão e o distanciamento”, nisso, a crítica social vai se desenvolvendo nessa dinâmica da personagem.

A crise subjetiva de Duarte, que se desdobra em questões raciais e sociais, ecoa em suas perambulações pela zona sul do Rio, lugar onde se encontra deslocado, assim como no morro do Vidigal. “no cafofo do Agenor me sinto tão deslocado quanto no palácio de Napoleão Mamede” (p. 140). Perambulando entre a zona sul burguesa e o Vidigal, ele mesmo se auto intitula “um escritor ambulante” (p. 87) mas seu movimento lembra o de uma roda gigante, que é capaz de se mover sem sair do lugar, como um de seus sonhos revela:

“É como se, voando em círculos, o avião reproduzisse mais fielmente o trajeto de minha vida, me fazendo rever sempre as mesmas mulheres e os mesmos filmes, voltar aos mesmos endereços, gostar de repetir meus erros” (p. 16)

O livro e o autor como mercadorias, a capitalização do espírito, a destruição da autonomia da literatura voltam à cena aqui, depois de *Budapeste*, com a diferença de que Duarte não é um *ghost writer*, mas um escritor decadente. Ele tenta arrancar adiantamentos do agente literário, vender sua obra para outra editora.

Se o sujeito está cindido na figura do autor, o espaço e as representações sociais e culturais também se encontram em um estado de vertigem identitária. O Vidigal encontra-se deslocado da ideia mítica de um morro, do malandro e do samba, presentes em Orfeu da Conceição, canção-ídílio que fez Rebeka viver no Brasil e casar-se com o Agenor. O malandro deu lugar ao miliciano, a igreja evangélica destituiu o candomblé. Ao mesmo

tempo, desnatura-se a zona sul carioca. Sua elite desloca-se completamente de um ideal civilizatório alumbrado nos anos 50. E o delírio e o devaneio é justamente uma forma de lidar, ao mesmo tempo não lidando, com essa realidade conflitante de um não-ser-sendo. Duarte é um sujeito informe, como seu livro que aparenta não ter recebido um tratamento final, como o país despido da fantasia de democracia racial, sem forma e acabamento final como um ornitorrinco, animal escolhido por Chico de Oliveira para representar a barbárie econômica empreendida no país mais desigual do mundo. A crise de identidade de Duarte coaduna-se com a do país.

É um livro escrito no calor das horas, de uma análise do presente imediato que é próprio da crônica e que confere ao romance uma pretensão de romance histórico do aqui/agora. Alcança a obra uma “verdade de atmosfera” de um processo histórico? Só o tempo poderá atribuir um valor de romance histórico ao romance, de ter presenciado o início de um longo processo ou um surto. “Admito que em manhãs como as de hoje perco horas acompanhando notícias nebulosas do país, mas talvez subconscientemente eu esteja o tempo todo a maturar um novo estilo de escrita.” (p. 150) Ironia à parte, a conjugação entre o documental e a ficção produz um *hic et nunc* histórico em *Essa Gente*, onde a própria função da arte e do autor está ameaçada e colocada em xeque. A crise é também uma crise da capacidade de figuração, daí a forma dissociada.

### **Referências bibliográficas**

- ADORNO, Theodor W.. “Posição do Narrador no Romance Contemporâneo”. In: *Notas de Literatura I*. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2012
- AUERBACH, Erich. “A Meia Marrom”. In: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ARÁNYI, Bárbara Guimarães. *Estorvo: Civilização encruzilhada*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH, 2000.
- BARROS E SILVA, Fernando. *Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 2004
- BENJAMIM, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Walter Benjamin. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. Vol I*. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BRITO, Leonardo Octavio Belinelli de. “O Brasil Contemporâneo em Dois Romances de Chico Buarque”. In: *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em sociologia da USP, São Paulo, v.23.1, 2016, p.108-127.

- BUARQUE, Chico. *Estorvo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991
- \_\_\_\_\_. *Benjamim*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- \_\_\_\_\_. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- \_\_\_\_\_. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- \_\_\_\_\_. *Essa Gente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020
- \_\_\_\_\_. Entrevista a Augusto Massi. Folha de São Paulo, Mais!, 9 de janeiro 1994
- \_\_\_\_\_. Entrevista a Augusto Massi. Folha de São Paulo, Ilustrada, 2 de dezembro 1995
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2014
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MAGRIS, Claudio. “O romance é inconcebível sem o mundo moderno?” IN: MORETTI, Franco (org.) *O Romance I: A cultura do romance*. São Paulo, 2009
- MASSI, Augusto. Resenha de Estorvo (de Chico Buarque). *Novos Estudos*, São Paulo, n. 31, p. 193-198, outubro de 1991.
- NUNES, Benedito. *O Tempo na narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013
- \_\_\_\_\_. “Estorvo é o relato exemplar de uma falha”. Folha de São Paulo, Ilustrada, 3 de agosto 1991.
- FREUD, Sigmund. “O Delírio e os sonhos na Gradiva”. In: *Obras Completas Volume 8*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso*. (Col. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro) São Paulo: Publifolha, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LAJOLO, Marisa. “Chico Buarque: entre o real e o imaginário.” *O estado de São Paulo, Cultura*, 31 de agosto de 1991
- MASSI, Augusto. Resenha de Estorvo (de Chico Buarque). *Novos Estudos*, São Paulo, n. 31, p. 193-198, outubro de 1991. Pai rico, filho nobre, neto pobre. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 de março de 2009. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,pai-ricofilho-nobre-neto-pobre>. Acesso em: 21 de maio de 2019
- OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas da catástrofe. Experiência urbana e Indústria Cultural* em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque. São Paulo: Nankin editorial, 2001

PAES, José Paulo. “O olhar hiper-realista”. Folha de São Paulo, Mais!, 31 de dezembro 1995.

ROSENFELD, Anatol. “Reflexões sobre o Romance Moderno”. In: *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990. p. 17-79

\_\_\_\_\_. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas Cidades e Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. Brincalhão, mas não ingênuo. Resenha crítica publicada no Jornal Folha de São Paulo em 28/03/2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2803200908.htm>. Último acesso: 10/05/2019

\_\_\_\_\_. “Cetim Laranja Sobre Fundo Escuro” In: Martinha Versus Lucrécia. Ensaios e Entrevistas. São Paulo: Compainha das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. “Um romance de Chico Buarque”. In: Sequências Brasileiras. São Paulo: Compainha das Letras, 2014

SOUZA, Octavio. Fantasia De Brasil. As Identificações na Busca da Identidade Nacional. São Paulo: Escuta, 1994.